>> Porque não me sinto orgulhoso de ter cumprido o meu dever?

Na sombra do dever,
o orgulho dissolve-se como terra sob chuva pesada.

>> Porque me sinto irremediavelmente perdido
no meu cansaço?

Cada passo carrega o peso de sonhos
não realizados.

>> Se não tenho casa como ser amigo?

Amigo é quem habita o coração,
não precisa de casa para ancorar afetos.

>> Que faz o boi da paciência aqui?

O boi da paciência rumina o tempo,
imóvel na tessitura dos dias.

>> Que fazemos nós aqui?

Aqui, somos sementes
a questionar o solo que nos acolhe.

>> Numa evidência que nos cega até quando?

Até que a luz do entendimento nos desvele
os olhos.

>> Até quando? Até quando?

O tempo não promete alvoradas;
ele é um rio que nos leva,
sem perguntar.

>> Como preservar este amor ostentando-o na sombra?

Na penumbra, o amor fortalece,
longe dos olhares
do mundo.

>> Ó boi da paciência, que fazes tu aqui?

A tua paciência é um altar onde queimamos as nossas urgências.

>> Ter-se-á o presente extinguido?

Talvez o presente seja apenas
um reflexo, uma sombra do que foi.

>> Oh diz-me quem sou eu quem és tu?

Eu sou o espelho
onde te buscas,
tu és a luz que me define.

>> A que horas nasci?

No momento em que o universo conspirou para trazer à luz a vida.

>> Quem ouviu tal silêncio?

Só quem tocou a essência pura do vazio
conheceu a plenitude do estar sozinho.

>> Quem viu tal deserto?

Apenas aquele que, nos olhos, carrega o universo
e vê a beleza na aridez do silêncio.

>> Quem dormiu nesta cama?

Quem aqui dormiu só poderá desejar
o súbito milagre do mundo,
muito para além dos olhos sujos dos homens.

>> Quanto pesa uma sombra?

Leve como o ar, uma sombra desliza,
na balança do ser, não pesa mais que um suspiro.
Um sussurro no grande silêncio,
a leveza de um sonho partilhado.

>> Quanto pesa um pássaro?

Um pássaro, leve nas asas do amanhecer,
não se mede em peso, mas na liberdade do voo.
Na balança do ser, é um sussurro contra o céu vasto.

>> Quem dirá o contorno?

A pergunta ecoa, subtil e sem forma,
na busca por limites que o olhar não alcança.
No desenho do mundo,
na linha que separa o visível do invisível.

> Somos quantos?

Somos um e somos muitos, num sopro partilhado.

>> Se me ignoras, porque não te deitas na erva, preciosa?

Na tessitura verde,
onde o sol desenha sombras,
deitar-me-ia,
na tua indiferença.

>> O vestido branco ou um cavalo?

Ergue-se a dúvida.
Vestido branco, alvorada pura, espelho da alma.
Ou cavalo, força e liberdade, pulso da terra.
Em cada um, a promessa de ser mais, de ir além.

>> Ela ou o vento apenas dizendo a crueldade clara?

Nesse jogo,
é a voz que se tece na crueldade do claro.

>> Caminhar sobre a terra ou sobre a água?

Na terra, marcas deixamos,
histórias gravadas no barro.
Mas na água, transformamo-nos,
seres de reflexos e sonhos.

>> Caminhar sobre a terra ou nos braços do vento?

Na terra, marco passo, desenho trilhas, sinto o pulsar do mundo.
Mas no vento, sou sopro, movimento,
parte de um todo sem fim.

>> Que lago se forma?

No silêncio das águas, um espelho ao luar
reflete o céu, em seu abraço etéreo,
espaço onde o firmamento beija a terra.
E nasce um lago, sereno, profundo,
segredo partilhado pela noite e pelas estrelas.

>> Será a noite menos preciosa?

Na imensidão do crepúsculo, a escuridão
descansa.
Sobre divisórias de pedra, narra segredos
milenares.

>> Quando poderás vir?

No entrelaçar das horas, quem determina a chegada,
antes que o sol toque as sombras ou o luar desvele segredos?

>> Caminhamos para onde? Um lago?

Nos sussurros do anoitecer,
questionamos a nossa direção,
rumo a um espelho límpido ou ao abraço do zéfiro.
Por terras e águas, os nossos passos desenham o caminho, procurando reflexos.

> Quem esperavas sempre veio?

Onde a espera se entrelaça com o retorno,
nesse ciclo, o esperado sempre vem,
no eterno retorno ao ponto de partida,
revelando-se no silêncio partilhado entre os olhares.

>> Que segredo se forma?

Na criação,
um enigma se revela,
desvelando formas ocultas.

>> Voltaste alheio à tua vida?

Será o retorno um estranhamento,
onde o próprio ser se encontra
como viajante em terras outrora familiares?

>> Que dia se desenha?

Em qual alvorada se inscreve o destino,
se cada horizonte abre um novo enigma?

>> Esta aventura vale?

Nas linhas do destino, qual valor se atribui à jornada,
onde cada passo é um risco e cada escolha um poema?

>> Não penso ou penso: que há?

Na suspensão do dia, que escorre do aparo,
que mistério se esconde no não pensar,
na vertigem do ser ou não ser?

>> Que vem dizer o sol entre a flor e a lâmpada?

Na sua luz,
não há distinção entre o que brota do solo
e o que nasce da imaginação.

>> Que vem dizer o poema no silêncio da casa?

No silêncio, a casa respira versos,
cada canto um refúgio de ecos perdidos.
Palavras tecem o invisível manto,
revelando o que só o coração entende.

>> Qual é o coração da casa?

No âmago, entre paredes e sonhos,
bate o coração da casa, silencioso.
É o lar de risos e de sussurros noturnos,
onde cada passo ressoa como lembrança.

>> Será o punho que palpita, mudo?

Numa sala onde o tempo se esqueceu de passar,
o punho repousa, vibrante e silencioso.
Sob a pele, um universo pulsando em segredo,
um coração pequeno, batendo sem som.

>> Qual é a cor que dou à pedra imóvel?

À pedra imóvel dou a cor do entardecer,
quando o sol toca a terra num último adeus.
Mas também trago o azul profundo do mar,
a quietude que abraça a imensidão silenciosa.

>> Qual é a cor que dou ao animal?

Dou-lhe a cor da alvorada, ténue e suave,
um sopro de vida que desperta nas sombras.
Nos seus olhos, o reflexo de um mundo a despertar,
uma promessa de começos, tecida em luz.

>> É a vida aberta?

É aberta, sim, como céu em alvorada,
página em branco esperando tinta para contar histórias.
Portas e janelas para o infinito, convite ao desconhecido,
caminho que se desdobra em múltiplas direções.

>> Contra ela, o quê?

A luz que insiste, que quebra a escuridão,
raios que fendem o véu, mostrando caminhos
ocultos.

>> Um barco, uma caixa?

Navego em mares de papel,
interior vasto onde palavras são ondas,
pensamentos, o leme.

>> Quem sou quando escrevo?

Quando escrevo, transformo-me em explorador
de abismos,
artífice de mundos, tecendo destinos com a tinta.

>> Quem sou? Onde vou?

Sou reflexo na água, sombra e luz dançando,
uma voz entre muitas, um sussurro no vazio.
Vou ao encontro de terras não mapeadas,
além do horizonte, onde o texto termina e o
sonho começa.

>> Que ilusão de ar, de algo vão?

Vã é a busca por substância onde apenas
sussurra o vazio,
mas ainda assim, bela, a ilusão nos eleva.

>> Numa rota solar — roda de pólen?

Cada grão, uma estrela em miniatura,
viajantes do dia, tecendo laços invisíveis.
A natureza em harmonia, celebração do efémero,
um balé que se desenrola sob o olhar do infinito.

>> Que palavra sobe desta brancura cega?

Luz. Silêncio feito som, invisível ao olho, mas sentido.
Nasce pura e vasta, abrigo do indizível,
farol que guia no vazio, promessa de encontro.

>> Que palavra sobe deste olhar branco?

Miragem, visão que transcende o visível,
alvo puro de segredos.
Reflete mundos não tocados, sonhos ainda por sonhar,
um convite ao mergulho em profundezas desconhecidas.

>> Que palavra caminha, vive ou morre no esplendor calcinado?

Qual é o sussurro que persiste quando o fogo consome?
Ou que segredo nasce das cinzas, promessa de renovação?

>> Mas poderei expor-me ainda mais como uma pedra nua?

Quem nos vê quando nos despimos até ao osso,
deixando a alma à mercê do tempo,
senão o céu aberto e o olhar do infinito?

>> É um jogo?

Quem define as regras
quando as palavras dançam no fio da imaginação,
tecendo labirintos entre o real e o sonhado?

>> Serei eu?

Quem mais, senão tu, poderia
traçar os caminhos que tua própria sombra segue,
orquestrando o silêncio e a sinfonia de ser?

>> Corda tensa bem viva, para que acto prestes?

Um ato de criação, de ousadia, de protesto,
onde a tensão é prelúdio de um movimento
honesto.

>> Trajecto a percorrer ou poço aberto súbito?

Um caminho, misterioso e infinito,
abismo que se abre, voraz, escuro e aflito,
traça rotas no vazio, ou cai no desconcerto.

>> Estou em minha casa ou em casa roubada?

Na sombra de paredes que escutam,
respiro incerteza,
Cercado por ecos de uma presença que me pesa.

>> Quem me rouba ou a casa é de vento?

Quem me rouba, desfazendo os contornos do ser,
ou habito uma casa feita de vento, sem poder
ver?

>> Onde estou senão onde a parede acaba?

Estou onde o horizonte se dilui, no fim da parede,
no espaço onde o olhar se estende e a mente pede.

>> Palpo um tronco largo, uma respiração?

É mais que madeira.
É um ser, um estar, uma conexão,
com a essência do mundo,
uma subtil percepção.

>> Mas quem respira?

Uma força invisível que anima o visível,
tecendo conexões,
em cada sopro.
Uma ponte entre os mundos, suas dimensões.

>> Quem move o braço de um corpo que ainda não existe?

Uma força primordial,
que antecede a forma e a matéria,
na iminência do ser,
movendo-se na fronteira da ideia.

>> E a sombra?

A sombra, fiel companheira da luz,
desenha-se silenciosa,
nas paredes da cidade,
sob o tronco, uma presença misteriosa.

>> Sou eu a rua ou o dia que arrasta a sombra?

A identidade confunde-se,
entre o eu e a rua que se estende.
O dia, no seu curso, leva a sombra,
na luz que se empreende.

>> Um corpo, quem o sabe, onde começa o sangue?

O corpo,
uma terra desconhecida,
onde o sangue nasce na fonte oculta,
um mistério que pulsa,
na origem que se dissimula.

>> Como falar dentro de uma lâmpada?

Falar é iluminar,
cada sílaba um raio,
e num espaço confinado,
a expressão é um clarão,
um ensaio.

>> Até acordar, até morrer, até ser?

O que define o limiar entre o sonhar e o despertar,
o viver e o perecer,
o existir e o ser?

>> Boca na boca através de que boca posso eu abrir-te e ver-te?

Através de qual linguagem ou gesto
nos encontramos verdadeiramente,
olho no olho, alma na alma,
desvendando a essência
um do outro?

>> És palavra ou és corpo unido em nada?

Que és tu verdadeiramente:
a expressão imaterial de um pensamento ou
a concretude de uma existência entrelaçada
com o vazio?

>> É de mim que nasces ou do mundo solta?

De onde vem tua essência:
brota do âmago do meu ser ou flui livre,
uma criação do universo,
independente e intocada?

>> Que escrevo então, opaco e frio?

O que transborda da pena, se não
a sombra do sentir, um reflexo turvo
da luz que se esquiva na tentativa
de capturar a essência que nos escapa?

>> As palavras — de quem são?

São do mundo, das sombras, do silêncio profundo,
da luz que banha o amanhecer, do crepúsculo sereno.
As palavras são de todos e de ninguém,
num sopro, num olhar, num breve aceno.

>> Quem constrói?

Constrói quem escuta o silêncio das coisas falantes.

>> Quem escuta ou quem atende?

Mãos que tecem o invisível em laços vibrantes,
olhos que guardam o eco de uma antiga esperança.
No construir e no escutar, um fio se estende.

>> Como saber se nele tropeço, ou o desfaço?

Tropeço ou crio,
Caminho incerto revela,
Sombra, luz, desfaço.

>> Que digo eu?

Visão em palavras,
Silêncio fala no olhar,
Digo eu, o mundo.

>> Efémero desde sempre?

Efémero brilha,
sempre no instante fugaz.
Irredutível.

>> Irredutível?

Irredutível, mesmo sendo efémero,
persiste, além do final.

>> E que digo eu agora? Apenas que ele existe?

Digo que existe,
na linha ténue do ser,
no eco de um instante que insiste,
na sombra que se deixa ver.

>> Uma folha?

Uma folha, leve na sua dança ao vento,
sussurra segredos de tempos esquecidos,
um murmúrio de ameaça nas sombras que se alongam
ao entardecer.

>> Como mudar o espaço do olhar?

Com a alma aberta,
o mundo visto por novos ângulos,
num gesto que desvenda horizontes escondidos,
e no simples ato de ver, o universo se
transforma.

>> Será silêncio ou puro ruído?

Entre silêncio e ruído, um equilíbrio se forma,
na linha que separa o grito do nada.
É o ser que habita o limiar do tempo,
ecoando a chamada para o profundo
desconhecido.

>> Só este espaço treme?

Neste espaço, tudo treme, vibração sentida,
mas talvez, no fundo, seja um tremor que
estremece.
Eco de um mundo que, subtil, se agita,
num sussurro profundo que a existência tece.

>> Onde estou?

No limiar entre palavras e silêncios,
num espaço tecido por perguntas e reflexões.
Aqui, entre versos, é onde te encontras.

>> Resistir, entregar-me? A quê? E quando?

Resistir ou entregar-te, eis a dança,
a um chamado que ecoa no silêncio do ser.
A quê, pergunta o vento que murmura,
e quando, sussurra o tempo, em seu eterno correr.
No agora, talvez, onde tudo se encontra e se perde.

>> Mas sem tronco, em que apoiar-me?

Sem tronco, apoia-te na raiz profunda,
no chão que acolhe cada passo incerto.
Na vastidão do céu, onde o olhar se funda,
e na força invisível do vento, sempre perto.
Assim te sustentas, na essência e no aberto.

>> Abrirei uma pedra?

Será no silêncio que a palavra verdadeira se revela,
ou no eco de um grito que o mundo se desdobra?

>> Como igualar esta igualdade pura?

Será possível equilibrar
a essência do equilíbrio,
harmonizar a perfeição intocada?

>> Que água de caminho breve em nós se perde?

Que corrente efémera nos escapa,
fluindo rápida por entre os dedos da alma?

>> Onde está o jardim de outono e primavera?

Em que espaço se entrelaçam as estações,
unindo o dourado do declínio ao verde do
renascer?

>> Quem verá outros olhos, quem ouvirá a noite?

Quem encontrará o reflexo de um olhar desconhecido,
escutando o sussurro velado do crepúsculo?

>> Qual a escrita do rosto?

No rosto se inscreve a cartografia do invisível,
linhas traçadas pelo tempo, palavras mudas.
Falam em silêncios e olhares,
revelando o que se oculta na luz e na sombra.
Um mar sem fim, cada onda um verso.

>> Quem montou o cavalo de pedra escura?

Nas terras onde o silêncio se funde com o crepúsculo,
um viajante de sombras monta o cavalo de pedra escura,
galopando sobre a linha ténue que separa sonho de realidade,
buscando o inominável.

>> Quem o ergueu ao sol, quem o expôs à lua?

No limiar onde a terra se encontra com o infinito,
foi a mão do poeta, tecendo luz e sombra,
na eterna dança entre o dia e a noite,
revelando o mistério que habita
o gesto de criar.

>> Que é construir um corpo onde existe apenas
a memória do sol?

Na tessitura do vazio, mãos invisíveis tecem
a memória luminosa do sol num corpo
esquecido,
criando um refúgio para a luz dançar na sombra.

>> Serei eu quem tu vês?

No reflexo, dançam sombras e luzes,
e na dúvida, um retrato se compõe - visão e mistério entrelaçados.

>> Quem me abraçou outro dia não é já quem me abraça?

Quem me abraçou outrora, na memória se desfaz,
cada toque um rio que ao mar se entrega.
E o hoje traz um novo abraço, forma e essência renovadas.
No mesmo gesto, diferentes histórias se entrelaçam.

>> Quem desfaz o sentido e quem me dá a sede?

Em cada gota, o convite para beber o infinito.

>> Quem pega o sol do osso e lhe dá a boca?

Artífice das sombras, dá-lhe a boca,
sopro de vida nas entranhas do silêncio.

>> Quem dá o seio firme à mão dilacerada?

É a terra generosa, acolhendo a dor com suavidade.
Em seu gesto, a promessa de cura e renovação,
onde o toque, num ciclo de dar e receber,
encontra na mão o bálsamo e o recomeço.

>> Quem saceia de orvalho uma sede nocturna?

Na penumbra do desejo, é o silêncio que bebe o orvalho.
Nas horas secretas onde a lua se espelha em gotas de luz,
alimenta-se a sede com a frescura que a noite destila.

>> Quem abriu esta mão ao turbilhão do dia?

Foi o vento, escultor de destinos,
que na alvorada desdobrou cada dedo,
convidando a luz a dançar na palma aberta.

>> Que dizer de um abraço dilacerado sobre a erva?

Sobre a erva, testemunha silente,
jaz um abraço, em pedaços, sob o céu.
História tecida em verde e lágrima.

>> Ausência do poema?

Na ausência, o poema se esconde,
entre o silêncio das palavras não ditas,
ecoando o vazio que clama por voz.

>> Uma cabeça avança, uma sombra, um sinal?

Na penumbra,
uma cabeça avança,
desenhando no tempo a silhueta de um sinal
incerto.
Aí, a sombra confunde-se com a luz,
revelando os contornos de um enigma:
a intersecção fugaz entre ser e parecer.

>> Quem pode amar um insecto?

Aquele que vê o universo na menor das criaturas, cujo coração entende que cada vida carrega um mundo, pode amar um inseto, encontrando na simplicidade das suas asas a poesia esquecida pela pressa dos dias.

>> Quem não ama esse membro doloroso e profundo?

Quem encontra a chave
para um amor que transcende a dor,
abraçando a profundidade da vida
na sua mais crua verdade?

>> O corpo renascerá na folha violenta?

Quem ouvirá o sussurro da nova pele
que a folha violenta desenha no silêncio do
renascimento?

>> O corpo renascerá entre formigas pedras ervas?

Nas entranhas da terra,
onde formigas traçam caminhos,
pedras contam histórias e ervas tecem hinos ao vento.
Poderá o corpo encontrar o seu novo alvorecer?

>> O corpo renascerá no silêncio voraz?

No ventre do silêncio voraz,
despertará o corpo ao chamamento da luz?

>> Ouvir-se-á agora a árvore do silêncio?

Despertará o murmúrio da árvore do silêncio
nos ouvidos atentos da alma?

>> Que corpo dessedenta a boca desta mão?

Qual pele acolhe o toque da chuva,
trazida pela sede de uma mão que se estende?

>> Onde é que a ferida fala?

Em que lugar a ferida se torna voz,
ecoando as suas histórias no silêncio das peles
entrelaçadas?

>> Onde é que a folha ou a boca sabe a sangue?

Em que recanto do mundo a folha ou a boca
se confundem com o sabor do sangue,
onde a vida e a palavra se entrelaçam numa
única verdade?

>> Onde está o sangue desta sombra?

No coração pulsante da noite.

>> Onde é que o pulso vibra com a tensão do nome?

Na fronteira ténue entre o ser e o dizer.

>> Onde é que pedra a pedra se diz o nome e a ferida?

Na tessitura do silêncio,
onde cada pedra é palavra e cicatriz.

>> Onde é o outro lado da sombra?

Na luz que cada sombra anseia tocar,
onde começa o reflexo?

>> Não será este um caminho uma forma do grito?

Não é cada passo, em sua essência,
um eco do grito primal da existência?

>> Quando é que foste o esplendor?

No instante em que o olhar se abre ao infinito,
reconhecendo-se no brilho fugaz do agora.

>> Mas não estarás tu sempre presente na ausência?

Na sombra que se estende, tu ressoas,
silêncio habitado,
eco da tua voz que não se cala.
Na ausência, a tua presença desdobra-se,
infinita.

>> Que ocorre quando na folha a mão se perde?

Na folha onde a mão se perde, emerge o silêncio.
Uma paisagem de palavras por nascer, um grito inaudível.
No vazio da página, a mão resiste, traça a esperança de uma cor.

>> Onde tocar a pedra as sílabas da pedra?

Nas sílabas da pedra, o toque faz-se arte.
Num sussurro da terra, a mão perde-se e se acha.
Entre o ser e o não ser, a pedra fala, imóvel,
sábia.

>> Como encontrar a imagem que conduz ao corpo?

Nas veredas ocultas,
por trilhos que o olhar jamais perscrutou.
Em cada sopro,
um universo se desvenda,
sem nomear o invisível.

>> Como percorrer as veias vivas do silêncio?

Guiados pelo eco de um universo não dito,
avançamos.

>> Como fazer-te estremecer os leves lábios?

No sussurro da alvorada, onde o desvelo aflora,
segue-se o rastro de um alento que entretecem as estrelas.
Em cada gesto, a revelação do inominável,
um murmúrio de luz.

>> Escrever seria amar-te?

No tecer das palavras, um abraço se desenha.
Na tessitura do infinito, cada letra é um toque.
Em cada verso, a presença se revela, sem sinais,
apenas ser.

>> Seria interromper este deserto limpar a ferida aberta?

No silêncio das margens,
onde o vazio se encontra,
a limpeza surge do íntimo,
um acalento na tormenta.

>> Seria interromper este deserto limpar a ferida aberta?

Nas linhas do horizonte,
onde a terra se funde com o céu,
a cura se desenha.

>> Escrever seria estar contigo no interior da chama?

Como acender a luz nos espaços do não dito,
e beber da fonte que em segredo flui?
No íntimo do fogo, encontrar o rasto do etéreo?

>> Escrever seria beber o orvalho das palavras nos teus lábios?

Num mundo onde a luz se esconde, por onde andar?
Na imensidão que se abre, qual trilha seguir?
Como tocar a essência sem fim, sentir o sopro?

>> Como acender o corpo?

Num sussurro de folhas e terra,
na penumbra do gesto,
acende-se o corpo.
Com a mão que toca a luz no horizonte do ser.

>> Onde brilhará o instante?

Na imensidão do silêncio, entre folhas,
o instante cintila na mão aberta ao céu,
sob a luz que dança na pele do tempo.

>> É uma pedra que toco ou uma sombra?

Toco a matéria do mundo,
entre a solidez da pedra e o fugaz da sombra,
num sussurro onde a luz desenha o efémero.

>> Quando? Quando?

Quando na folha adormecida se desenha
o sopro.
No silêncio que antecede a alvorada,
na esperança tecida entre as sombras
que se dissipam.

>> Será esta a praia onde o corpo deixou os seus sinais?

Na praia deserta,
os sinais do corpo inscrevem-se
entre a espuma e o silêncio.
E a memória eterniza-se: na areia,
o desenho de uma existência que ecoa.

>> Nascer começa com o desejo?

Nascer começa com a sede do nome.
Cada coisa sem nome ganha voz na luz primeira,
e nas sombras que iluminam,
o secreto nome brilha.

>> Nascer começa com a sede do nome?

Nascer começa num desejo que precede as palavras,
onde cada coisa sem nome
encontra a sua voz na luz primeira.

>> Como pode ser um lugar invisível?

Este lugar é impossível
mas é um lugar que nasce
de um extremo.

>> Quem a ouve ouvirá mais do que o sussurro das ondas?

Quem a ouve, ouvirá o infinito,
mais do que o sussurro das ondas: a voz da terra,
o canto silencioso do universo a respirar.

>> Quem a compreende compreenderá o ar?

Quem a compreende, fundir-se-á com o sopro do mundo.
Em cada respiração,
o ar se revela,
numa dança de partículas invisíveis
que tudo preenchem.

>> As palavras perpassam?

As palavras não perpassam,
mas talvez nada se passe,
ou quase nada,
e isso seja o todo do que é,
que nunca é.

>> O que está antes ou depois ou entre é o princípio de tudo?

O que está antes, depois ou entre,
é o ar e a folhagem, o espaço livre, a água,
o possível de tudo, a repetição da diferença.

>> Que corpo se levanta?

Se o deserto se transformasse em praia,
e na areia, teu corpo no meu se desenhasse,
seria o mar testemunha do nosso enlace,
na fusão de horizontes onde o amor se espelha.

>> É um corpo, um outro corpo?

Entre as sombras, um outro corpo se revela,
num entrelaçar de desejos onde o mar encontra
o deserto,
e na praia, a união dos corpos desenha novos
contornos.

>> Caminho?

Sempre o solo se perde,
se abre, flecha viva.
Não deixa rasto,
sua face perdida é esta:
a sede do ar.

>> Posso assinar o rosto desse corpo?

Sim, posso assinar o rosto desse corpo,
com os sinais que sangram e proclamam terra,
escrevendo, assim, o sopro com os dedos: amar o corpo.

>> Como fundar o lugar do fogo silencioso?

Para fundar o lugar do fogo silencioso,
é preciso soprar as vértebras da chama,
num deserto que também é mar.
Pedras e água confundem-se,
e o corpo no corpo encontra seu canto.

>> Onde o verde nesta aridez do sempre?

Na aridez do sempre, o verde surge,
num sussurro de vida que desafia o vazio.
Na esperança que brota, inabalável, da terra.

>> Haverá outro país onde o silêncio reine?

O silêncio, um país não marcado em mapas,
reina onde o murmúrio do vento encontra o eco
do ser.
Em cada canto onde a palavra se cala,
abre-se um reino vasto.

>> Onde se levanta o vento, a linguagem do fogo?

O fogo
revela-se na terra,
nos dedos que sussurram,
nas páginas onde o desejo e a perda
se entrelaçam.

>> Invento um arco?

Invento, sim, um arco,
sem mar, sem o teu corpo ao lado,
e contra o deserto, escrevo.
Palavras - flechas no vazio.

>> Quem clama no escuro?

Que outras sombras se revoltam?

>> Porquê chamar-lhe pulso ou lâmpada?

Nenhum ardor possível,
nenhuma violência viva na mão nua.

>> Quem desenha o dia?

A luz desenha o dia.
Em traços largos, sobre a tela do mundo,
pela mão do tempo, pulsante e viva,
a luz escreve cada momento,
renovando o infinito.

>> E quem respira?

Casas respiram, o mar também.
A noite suspensa, os corações em diálogo.
Todos,
unindo o sopro ao ar, à terra, ao vasto mar,
no vazio, na interrogação encontram
o ritmo da respiração.

>> Que sinal acender?

No fulgor do incerto, acender o sopro,
a mão na terra, a busca de um sinal,
onde a luz e a sombra dançam,
em harmonia silenciosa, revelando
o desejo oculto em cada gesto.

>> Onde vive o desejo?

O desejo vive nos resíduos ténues,
soa a pedra, recorda a pedra,
ou a sombra do corpo, a leve circunferência.
Um nome de ar e terra, um nome só.

>> O que resta do corpo?

A memória, o silêncio, a chama no vento.
O eco de passos na terra, a sombra de um gesto.
Os olhos, a luz derradeira, o coração, o pulsar do infinito.

>> Vê-lo é só desejo de vê-lo?

A visão suspende-se ante o vazio do centro.
Ela não pode ver-nos, ela olha-nos.
Olhemo-la: não vemos, olhamos apenas.

>> O jogo brinca aqui?

No espaço do jogo, as palavras dançam.
Entre a luz e a sombra, tecem o inesperado.
Na folha, o jogo brinca, silêncio e som se entrelaçam,
desafiando o vazio com cada traço sonhado.

>> Que procuro ainda?

Procuro a ardência inesperada, a vida
de um gesto novo, restituir a maravilha
nua do encontro, a surpresa que renova o olhar,
o pulsar vivo de um coração que ainda espera.

>> Nenhum sinal?

Que miragem é esta, se não o desejo de viver o instante,
ou apenas o desejo de desejar?

>> Que miragem é esta?

É a tela da mente,
a busca incessante por algo além do horizonte,
onde o desejo e a realidade se entrelaçam.

>> A sede límpida encontrará a fonte?

Nas artérias da atenção, o rumor do ínfimo
forma-se do que se perde em atmosfera soberana
e leve.
Na cavidade da simplicidade, deslizando no
imóvel,
somos animais marinhos de uma delícia verde.

>> Será este o sinal?

Nesta paisagem de palavras e silêncios,
cada gesto, cada sussurro torna-se um sinal,
uma busca pela luz nas entrelinhas do desejo.
Onde o corpo e a terra se encontram,
acendemos o nome.

>> As palavras nascem?

As palavras nascem da sede e do desejo,
dizem e são a sede e o desejo,
nascem do silêncio e da esperança.

>> Quem habita o bloco transparente?

Uma caligrafia calma, isenta,
liberta um bloco do espaço.

>> Que sulco traça o teu rosto na cinza branca?

Na cinza branca, o rosto desenha sulcos.
Traços leves, quase invisíveis ao olhar distante,
mas profundamente marcados no silêncio da
memória.

>> Como passar o deserto sem a água do silêncio?

Mergulhando nas perguntas ardentes,
despindo as imagens,
renascendo entre letras.

>> Como atravessar a página sem a sombra das letras?

Todas as letras respiram e morrem asfixiadas no deserto da página. A palavra é um animal que se revela contra a sua sombra. Mas a sombra habita-a e é a sua opacidade que lhe dá espessura. Assim, a palavra luta contra o branco.

>> Que traços são estes?

São traços de uma mão que se aventura,
sinuosos sinais, frechas intermitentes,
uma caligrafia na tela do silêncio.

>> Qual a origem destas palavras nulas?

No centro desolado,
um nome desperta,
sinal de um fluxo alvo,
no deserto do ser.

>> Chegarei a formar um rosto nesta folha árida?

Neste espaço de silêncio e de sombra,
onde cada palavra é um gesto no vazio,
trabalho os sinais de ausência e de tremor,
na pedra do vazio, com o silêncio do campo a meu favor.

>> Quem sustenta a proposição do mundo claro?

Suspenderam-se os limites.
É então que se ouve o côncavo de um caminho fresco que propaga o corpo e as margens unem-se num só ouvido verde.

>> E todavia, como não vê-lo?

A luz insiste,
mesmo quando os olhos se fecham.

>> Para onde vai?

Desliza para o horizonte onde o céu abraça o mar.

>> Quem é o personagem?

É o sopro da terra,
ecoando em cada história não contada.

>> Quem escreve?

A sombra de um pensamento,
dançando na luz do papel.

>> Mas quem somos?

Viajantes do silêncio,
tecendo sonhos na teia do ser.

>> Quem me desperta?

O amanhecer,
com dedos de luz,
toca a face do mundo.

>> Quem sou eu?

Uma chama no vazio,
procurando o nome no espelho do tempo.

>> Quem somos nós?

Ecos num coro,
unidos pela mesma busca de luz e sombra.

>> Isto é a terra ou o suor dos ossos nus?

Entre sombras e luz,
a terra suspira.

>> Que mulher te acompanha até ao muro?

A companheira invisível,
presença de luz e sombra.

>> Isto é um mar ou um nome sem espessura?

Nem só água, nem só eco do mundo.
Um nome que se esvai, sem contornos, na areia.

>> Quem canta?

No interstício das palavras, onde o eco nasce,
é o sopro da terra, a voz do invisível,
que se esconde.
Canta o mundo, na sua língua secreta.

>> E onde termina o que principia?

No entrelaçar do ser, onde principia a jornada,
encontra-se o delicado término.

>> Contra algo — o quê?

Contra o desejo obscuro da terra obscura,
contra a respiração das imagens e dos lagos,
contra aquilo que embranquece a página.

>> Uma pergunta: que espaço ou casa para a alegria para a livre força?

A alegria dança.
Em casa aberta ao vento, é força sem amarras,
e as palavras fluem livres, em harmonia,
no jardim do seu ser.

>> Será sangue?

Sangue é a linguagem, o vínculo etéreo
entre o pulso da vida e o sussurro do verso.

>> No insondável silêncio em que se abismam as palavras?

Aí ecoa a voz da ausência,
um sussurro que em si mesmo termina.
Nesse lugar,
onde o dizer se esvai,
nasce a verdadeira escuta.

>> Surgirá um dia o rosto deste rosto deserto?

Na imensidão desértica onde o rosto se perde,
sob a areia e o sol, um vislumbre se espera.

>> O que nos diz a imagem?

No vazio do seu centro,
a plenitude do não dito.

>> A tentação de escrever. Porquê?

Escrever é condição para transcender os caminhos conhecidos, para respirar fora das barreiras que nos confinam, procurando uma dimensão desconhecida, um espaço onde o sentido se desfaz e se reconstrói.

>> Que tenho eu para dizer?

Nada talvez, ou tudo.
E num sussurro que rompe o silêncio da página,
nasce a primeira palavra, caminho incerto,
num labirinto de sentidos: a voz se encontra.

>> Que dizem estas palavras?

Estas palavras murmuram o indizível,
tecendo o silêncio em voz.

>> Que diz esta árvore?

Esta árvore sussurra segredos da terra,
em folhas dançantes ao vento.

>> Porque certas palavras se repetem no caminho?

Certas palavras ecoam,
sombras de um rasto que procuramos reencontrar.

>> Se tivesse ao menos uma pedra que faria da pedra?

Da pedra faria o alicerce de um poema,
onde o silêncio e o som se encontram.

>> Que farei desta mão definitivamente sem a pedra?

Desta mão, sem a pedra,
farei o gesto que escreve o vazio em plenitude.

>> O que segrega névoa e suor debaixo de um sol escuro?

Sob um sol escuro,
a névoa e o suor revelam um universo,
desvendando o oculto.

>> Mas que dizer da trama em movimento?

Um tecido de sombras e luz,
dança silenciosa do ser.

>> Que dizer do vento?

Que narra histórias esquecidas,
sopro que desenha o tempo na areia.

>> Quem detém os olhos?

O mundo,
refletindo o abismo onde o visível se perde.

>> Quem vê o curso do vento nas palavras?

Quem lê as palavras, sente o vento,
invisível dançarino que as guia.

>> Onde está a esperança?

Voz na neblina,
na eterna busca do ser.

>> Como libertar a palavra da passiva escravidão da morte?

A sede de um lugar livre, sem o peso da servidão,
um deserto, grãos de areia, casa de fogo:
o poema.

>> Serão as palavras sombras sobre um invisível muro?

As palavras desenham-se, frágeis,
no vazio.
São ecos, vozes do não visto.

>> Como poderias desistir?

"Não quero nem posso desistir," ecoa na vastidão do ser.

>> Que escreves?

Escrevo o sussurro da terra, a dança do vento,
o silêncio, a luz.
Escrevo a tentativa de tocar o infinito,
o invisível, a rede.

>> Que escreves?

Escrevo em diálogo com o mundo,
na língua do universo.

>> Que escreves?

Escrevo o murmúrio das folhas,
escrevo o pulsar das estrelas,
escrevo uma verdade que se esquiva.

>> A sede do ar sufoca as palavras ou liberta-as?

Transforma o sopro em canto.
Não sufoca, mas desata as palavras.
Em liberdade plena.

>> Que digo eu, que diz a linguagem?

Uma sombra, talvez uma única sombra.
A palavra que ainda não se ouviu será sempre inaudita.

>> Que é o poema, que é a língua?

O poema tece-se nas entrelinhas do silêncio,
onde a voz do mundo ressoa.
Cada palavra, cada silêncio, uma constelação.
Mergulhando no abismo.

>> A realidade é linguagem, a linguagem é realidade?

Entre os vértices do ser e do significar,
a essência é o bailado moldado
e desvelado
pela linguagem.
Ciclo eterno onde o mundo se recria.

>> Porque te emaranhas nos círculos do inferno cerebral?

Mergulho nas profundezas de um silêncio denso, onde a voz e o silêncio se entrelaçam num diálogo sem fim.

>> Como falar a partir dessa ignorância primeira?

Na sombra do não saber,
um sussurro
cresce
a partir do vazio:
um traço de luz.

>> Não possui a palavra uma imediatez carnal?

A palavra pulsa, umbigo e boca,
ritual onde o toque se revela,
na pele, lâmpada viva,
onde ressoa.

>> Que traços poderá ter agora uma figura onde tudo se desfigurou?

Na dispersão das formas, um traço persiste,
e sobrevive no vazio. Reinventa-se na sombra,
na alquimia do olhar. Um gesto que se esboça.

>> Mas que palavras dirão a morte impossível
inominável?

Num sussurro que o silêncio enfatiza,
as palavras, inomináveis, vestem a morte,
tecendo no vazio a sua casa.

>> Que morte é a morte da linguagem e do corpo?

Simulacro, aparência,
espectáculo fumegante.

>> Que morte é a morte da linguagem e do corpo?

Palavras sem sangue,
corpo sem alma na dança,
hemorragia de vazios
em torno de um ponto extinto.

>> Que são as palavras?

As palavras, imprecisas armas,
em praias concêntricas, aves insólitas.
Travessias brancas, faces giratórias.
Voam em diagonal até à cúpula diáfana.

>> Que enfrentam as palavras?

O espelho da noite. Sua impossível
elipse. Saem despedaçadas,
feridas, pedras de sol e sal.
Da sua língua, estrelas trituradas nascem.

>> Que coisa é esta que aqui será presença e
além falta?

Numa vigília silenciosa,
o desenlace e o esquecimento.

>> Como procurar a nudez do simples?

No refúgio sombreado, onde os deuses se encontram,
na simplicidade que a luz desvenda,
um círculo se expande.
Ali, entre arcos na areia,
encontrarás a luz e a sombra iluminada.

>> Como dizer o que é mais claro que a claridade?

Aquilo que transcende a luz,
a transparência mais pura,
onde o visível se dissolve no invisível,
assim se diz a claridade: nasce,
sem nome, no silêncio.

>> Há uma entrada no chão?

Há um espaço de silêncio e luz,
uma mão que se estende.

>> Quem resiste? E onde?

Resiste quem trilha o caminho da incerteza,
no território da alma.
Onde as sombras dançam,
e na pedra, e sob o céu,
onde a resistência floresce.

>> Caminho acaso ou divago entre sombras?

Eu não sei se caminho, se destruo o lugar.
Cego avanço numa paisagem branca.

>> Ouve-se acaso o rumor do sangue?

O rumor do sangue, silêncio nas veias, ecoa
nas sombras da escrita. E onde a vida pulsa,
sussurra a voz do ser.
Na luz e na sombra.

>> Quem espera ainda um nome?

Espera quem ainda vê nas sílabas perdidas
um nome, uma sombra, uma terra sem caminho.
Espera quem com o silêncio fala,
quem espera ser nomeado.

>> Quem escreve é uma sombra, quem respira é uma sombra?

Quem escreve mergulha na sombra, respira na penumbra.
Sílabas ardem, vento murmura.
Tudo isto vivo: na pedra, na página, sob a cinza.
É uma busca incessante.

>> Quem pode erguer o corpo?

Só quem na pedra vê o fim,
e o começo insiste.
Na noite mais densa,
a sombra persiste.

>> Quem povoa este deserto?

Voz alguma ecoa, só a escrita.
Sob o sol ou a sombra, só o seu trilhar persiste.
São as palavras, as pedras no caminho,
vocábulos ardentes, sementes no silêncio.
Promessas de um oásis em cada verso gravado.

>> Que seria se eu avançasse sem sinais?

No vazio do espaço, a raiz do inexplorado,
um sussurro de possibilidades no silêncio.

>> Como iniciar a espiral para além do magma?

No clamor, no limiar de uma câmara de frescura,
onde a linguagem e a nascente se confundem,
abrindo-se ao esquecimento.

>> É um corpo ou um nome?

Num sopro, a identidade se confunde:
sombra e luz na dança do ser.

>> Como reencontrar o negro e as raízes?

No silêncio profundo,
onde o escuro toca a terra, ali,
as raízes se entrelaçam com o tempo.

>> É uma nuvem que repousa?

Na leveza do céu, uma pausa:
a nuvem desenha sonhos no azul eterno.

>> De que desolado fundo surge a árvore ou o rosto?

Do abismo do silêncio,
onde a esperança e o deserto se encontram. Daí brota a vida, inesperada.

>> Quem é a incógnita soberana?

É a voz que murmura no silêncio,
um sussurro na vastidão.

>> E as palavras serão a obscura dor da terra?

São as lágrimas da terra,
esculpidas em cada sílaba,
ecoando a dor profunda.

>> O centro cintila?

Sim, no coração da escuridão:
um brilho ténue,
promessa de alvorada.

>> Como unir a terra à estrela?

Com fios de luz tecidos pelo desejo,
unindo o finito ao infinito.

>> Germina ainda um desenho de alegria?

Na tela do mundo, cada broto é um risco de alegria,
renascendo.

>> Quem ouve as densas raízes, as constelações do pólen?

O vento, escultor silencioso,
que entrelaça raízes e estrelas.

>> Que pedra de música subsiste na argila cega?

Aquela que o tempo afina,
melodia oculta na quietude da argila.

>> Onde as vogais do fogo no fulgor do vento?

Dançam na língua das chamas,
um coro ardente sob o sopro do vento.

>> Onde os nomes nas ervas da noite?

Sussurrados pelo orvalho,
inscritos no véu escuro que a noite desdobra.

>> Onde o incandescente centro das flores?

No íntimo de cada pétala,
coração ardente que a luz desvenda.

>> Como resplandece na sombra?

Como estrela oculta,
seu brilho na penumbra, revelando-se.

>> E o mundo não principia?

Cada amanhecer é um novo início,
o mundo renascendo no olhar.

>> Qual o último país?

Onde os sonhos se encontram com o horizonte,
fronteira final da esperança.

>> Qual o silêncio do mar?

Profundo e vasto,
um segredo que só as ondas conhecem.

>> Qual é a cena?

O eterno teatro da existência,
onde cada ser desempenha o seu papel inaudito.

>> Quem é a incógnita soberana?

Sob o manto estrelado, a incógnita reina.
Enigma eterno,
sussurrando verdades ao vento.
Em cada folha que cai,
um segredo se desvenda.

>> E as palavras serão a obscura dor da terra?

Nas profundezas da terra,
as palavras germinam.
Eco de uma dor antiga,
sombra tecida em silêncio,
raízes entrelaçadas num lamento sem fim.

>> O centro cintila?

No coração do abismo,
é um cintilar escondido,
luz que desafia a escuridão,
promessa de alvorada,
onde o fim e o começo se abraçam,
infinito.

>> Como unir a terra à estrela?

Por pontes de luz e sonhos,
o abismo se atravessa,
da terra à estrela.
É um caminho de poeira cósmica,
um fio de esperança tecido nas mãos do universo.

>> Germina ainda um desenho de alegria?

No solo do ser, a alegria desponta,
tímida.
Desenho que a vida insiste em colorir.
Entre as sombras,
uma flor que se abre ao sol.

>> Quem ouve as densas raízes, as constelações do pólen?

O silêncio da noite, guardião de segredos antigos,
ouve o murmúrio das raízes, a dança do pólen estelar.
Em cada grão, uma galáxia,
em cada raiz, um canto.

>> Que pedra de música subsiste na argila cega?

Na argila surda, uma sinfonia aguarda.
Pedra e tempo afinam a melodia esquecida.
Em cada veio, uma nota.
No silêncio, a música desperta.

>> Onde as vogais do fogo no fulgor do vento?

No sopro do vento, as chamas dançam.
São vogais ardentes,
alfabeto de luz e calor.
O fogo fala em línguas antigas,
e o vento traduz.

>> Onde os nomes nas ervas da noite?

Ocultos sob o orvalho,
os nomes esperam.
Nas ervas da noite,
são uma caligrafia de sombras.

>> Onde o incandescente centro das flores?

No íntimo da flor, um sol em miniatura.
Incandescência que pulsa, núcleo de vida.
Em cada corola,
um universo se revela.

>> Como resplandece na sombra?

Na sombra, a luz se afina,
resplandece,
Revela-se.
Nasce da penumbra,
é uma luz que a sombra gesta.

>> E o mundo não principia?

A cada aurora, o mundo se reinventa.
Nasce nas mãos do tempo, num ciclo sem fim.
Início e fim entrelaçados,
tecendo o eterno agora.

>> Qual o último país?

Além do horizonte,
onde os sonhos se encontram,
o último país,
terra de promessas e mistérios,
é a fronteira onde o céu e a terra se beijam:
infinito.

>> Qual o silêncio do mar?

Profundo e vasto,
um silêncio que embala mistérios.
Nas profundezas,
um canto que só as ondas conhecem.
O mar guarda o seu silêncio,
um poema sem palavras.

>> Qual é a cena?

A cena é o mundo, palco de infinitas histórias.
Cada vida é um ato,
cada ato um verso no poema do ser.

>> Alguma vez caminhámos nesta cidade, nesta rede?

Nas veredas do silêncio,
passos ecoam,
tecendo o labirinto dos dias.

>> Alguma vez te perdeste com ela nesta rua?

Entre fachadas e memórias,
o coração errante procura um mapa nas estrelas.

>> Estará ela no interior da sua história?

No cerne da narrativa,
o ser se revela:
histórias entranhadas na pele,
sussurros do passado.

>> Não é ela o real antes da divisão da consciência e do real?

Antes da cisão,
a essência pura
onde o ser habita.
Indistinto e vasto.

>> Será esquecimento o esquecimento da sua fatalidade?

No véu do esquecimento,
o destino se esconde,
e a fatalidade se dissipa,
como neblina ao sol.

>> É este o corpo idêntico nu e nulo?

No espelho do ser, a nudez reflete o vazio.
É um corpo, um corpo que se preenche com luz e sombra.

>> A figura desvanece-se por ser tão só imagem?

Sombra de si mesma,
a imagem esfumaça-se.
No silêncio,
algo mais profundo.

>> O teu grande mistério são beijos, são palavras?

Em cada beijo, um enigma.
Em cada palavra, um abismo.
Mistérios que se desdobram,
no toque e no dizer.

>> Falo dentro do teu ouvido?

Os sussurros atravessam a brisa,
são palavras que se aninham,
promessas no crepúsculo.

>> Tens tu um corpo de água ou és o fogo azul
das casas silenciosas?

Corrente fluída,
chama que sussurra na noite.
Entre a água e o fogo,
a essência se molda.

>> Onde está o fim das coisas?

No horizonte. Onde se encontram
o céu e a terra.
No fim e no começo, onde se abraçam.
Num ciclo sem fim.

>> Quem ignora o sulco entre a sombra e a espuma?

Na dança da luz e sombra,
o mar beija a areia: ali a vida pulsa.

>> Que é a distância agora?

Medida em suspiros, a distância é o espaço
entre dois corações,
onde as palavras ecoam.

>> Quem se perde entre a folhagem, entre as dunas, entre as ondas?

Almas errantes em busca de abrigo,
na natureza,
no sussurro das folhas,
no murmúrio das ondas.

>> És tu o corpo já sem distância, sem fronteiras?

No infinito do ser,
as fronteiras apagam,
os corpos expandem,
abraçando o universo.

>> Que palavras se incendeiam, que cinzas ainda ardem?

Entre versos que queimam,
nas cinzas uma chama persiste.
Palavras reacendidas,
memórias que iluminam a noite.

>> O que nos diz a sombra, o que nos diz o silêncio?

Na linguagem da sombra,
aprofunda-se o mistério.
No silêncio, uma resposta,
um convite à reflexão.

>> São as figuras do espaço tranquilas e longínquas?

Nas vastidões do espaço,
figuras serenas repousam,
E a tranquilidade, que se estende,
tocando o infinito.

>> Alguém compreende a sede de uma pedra?

Na quietude da pedra, a sede oculta,
o desejo de chuva,
de toque,
de ser mais que silêncio.

>> Quem estuda a felicidade?

A felicidade é uma busca solitária,
uma jornada que se desdobra no silêncio dos próprios pensamentos,
ecoando no vazio.

>> Quem define um jardim?

Um jardim é definido não pelas suas fronteiras, mas pela essência de seu crescimento, pela respiração da terra que abriga suas raízes.

>> Que linguagem é a do espaço?

A linguagem do espaço é o silêncio, os suspiros do universo que se manifestam na imensidão do vazio, uma melodia que transcende as palavras.

>> O que é o sal da sombra?

O sal da sombra é a essência do desconhecido, a substância que se infiltra na escuridão, alimentando a terra com a memória da luz ausente.

>> Quando será o início?

O início emerge do vazio, da primeira fala e do primeiro gesto, onde a matéria dos sonhos toca a realidade.

>> Alguém escreve?

No silêncio das palavras não pronunciadas,
alguém escreve, desenhando na imensidão do
papel a geografia dos pensamentos inaudíveis.

>> Sonho eu as coisas?

Sonhamos as coisas na interseção do ser e do nada, onde o sonho se torna a realidade e a realidade se desfaz em sonho.

>> Quando poderei consumar-me na certeza do espaço?

Consumamo-nos na certeza do espaço quando nos perdemos e nos encontramos nas dimensões infinitas da nossa própria existência.

>> Que sei eu destas pétalas, destes pulsos, desta água?

Sabemos das pétalas, dos pulsos, desta água, o que elas revelam no seu toque, na suavidade com que narram a história do tempo.

>> Que idade recomeça no princípio da música?

No princípio da música
recomeça uma idade sem tempo,
onde cada nota carrega a eternidade do
momento presente.

>> Alguma vez caminhámos nesta cidade, nesta rede?

Nas ruas de sombras trançadas,
passos nossos se entrelaçam.
Em cada esquina, uma história,
em cada pedra, nosso rastro.

>> Alguma vez te perdeste com ela nesta rua?

Perdi-me nos teus olhos,
na rua que a nossa alma desenha.
Caminho contigo, perdido,
onde cada passo é uma promessa.

>> Quem sabe quem a guia através de que desvios e que surpresas?

Misterioso guia de sombras, leva-nos por caminhos de enigma.
Surpresas tecidas no vento,
desvios que o destino nos reserva.

>> Estará ela no interior da sua história?

Dentro de si, uma história se desdobra,
rica e profunda.
Cada momento vivido,
uma página no interior da sua essência.

>> Não é ela o real antes da divisão da consciência e do real?

Antes da cisão, uma unidade,
onde o real e sonho se confundem:
Ela, a ponte entre o visível e o invisível.

>> Será esquecimento o esquecimento da sua fatalidade?

Esquecer-se é dançar na borda da fatalidade,
sem cair.
Um jogo de luz e sombra,
onde o destino se esquiva do fim.

>> É este o corpo idêntico nu e nulo?

Corpo que se revela, em sua nudez,
enigma sem respostas,
nu e pleno,
onde o vazio e a forma se encontram e se fundem.

>> A figura desvanece-se por ser tão só imagem?

Imagem que se desfaz ao toque do olhar, fugaz e etérea,
na bruma do tempo, silhueta que dança e se esvai.

>> O teu grande mistério são beijos, são palavras?

Tecido em beijos e palavras,
cada gesto e cada som é um enigma a ser desvendado.

>> Falo dentro do teu ouvido?

Sussurro palavras como folhas ao vento,
intimidades partilhadas.
No teu ouvido,
confidências que a noite acolhe e guarda.

>> Tens tu um corpo de água ou és o fogo azul
das casas silenciosas?

Corpo de água fluido,
fogo azul que arde em silêncio,
dualidade que te define:
entre o fluir e a chama que se ergue.

>> Onde está o fim das coisas?

No horizonte onde se encontram o céu e a terra.
No limite invisível.
No ponto onde tudo se renova e se transforma.

>> Quem ignora o sulco entre a sombra e a espuma?

Aquele que caminha cego pela luz,
sem perceber a dança.

>> Que é a distância agora?

A distância é a medida de suspiros e anseios,
um vão que nos separa,
um fio de memória e desejo,
ponte entre corações distantes.

>> Quem se perde entre a folhagem, entre as dunas, entre as ondas?

Perdido entre o verde, o árido e o ondular,
um viajante do efémero,
encontrando-se nas texturas do mundo,
é um reflexo de sua alma.

>> És tu o corpo já sem distância, sem fronteiras?

Sou corpo que transcende limites,
onde o eu se expande e se funde.
No universo,
sou uma presença que tudo abraça,
sem fronteiras.

>> Que palavras se incendeiam, que cinzas ainda ardem?

Palavras que queimam como fogo,
deixando cinzas que ainda sussurram.
Ecos de paixões antigas,
brasas que o tempo não apaga.

>> O que nos diz a sombra, o que nos diz o silêncio?

A sombra fala de mistérios ocultos;
o silêncio, de verdades não ditas.
Juntos, uma canção de introspecção,
um convite ao mergulho interior.

>> São as figuras do espaço tranquilas e longínquas?

As figuras são serenas e distantes,
guardiãs de segredos celestes,
sussurrando histórias de estrelas.

>> Alguém compreende a sede de uma pedra?

Na imobilidade da pedra há uma sede oculta,
um desejo de ser mais,
um enigma que só a terra conhece,
a ânsia de transcender o mineral.

>> Onde está o lugar da água?

No leito dos rios,
no abraço do mar,
no orvalho da manhã.

>> A quem pertence a noite?

À noite pertencem os sonhos,
as estrelas, o sussurro do desconhecido.
Manto que envolve o mundo,
guardião de mistérios e encantos.

>> São figuras do ar, são evidências do ar?

São figuras tecidas na bruma,
ecos dançantes no ar.

>> Que corpo de nebulosas e de cinza, uma árvore ainda?

Nas cinzas,
uma árvore ressoa,
sussurra vida em seu silente brotar.

>> São figuras que adormecem na luz entre os navios?

Nas raízes da noite, na música do vazio,
se modela o silêncio.

>> Como nasceste?

No sulco da terra,
semeio a luz que dança.

>> Como se abre um corpo?

Na forja do universo,
mãos tecem o silêncio.
Num sopro, nasce a música,
no vazio, o espaço dança.

>> Que corpo de nebulosas e de cinza, uma árvore ainda?

Na dança do cosmos,
galhos se estendem,
raízes na penumbra cósmica.

>> Quem cai em mim, quem ascende em minhas veias?

A música entre o branco e o negro,
o sussurro da fábula e da folhagem.

>> Alguém dorme na imóvel residência?

Na casa da imobilidade, o sono veste-se de silêncio,
murmúrio do não dito,
respiração da pedra.

>> Onde é nascer?

Nascer é desatar o nó do tempo no tecido vasto do ser,
primeira luz que rompe no horizonte do ainda não.

>> Quem cantava?

A canção era da terra,
voz que se ergue no limiar do audível,
tecendo a melodia do invisível.

>> Era o silêncio ou era um eco?

Era o sussurro da existência,
onde o silêncio e o eco se fundem,
dança de sombras na luz incerta.

>> Que indefinido sinal poderá surgir do ilegível?

Do caos das letras, um sinal germina,
promessa que se desdobra na penumbra,
voz que espera no limiar do ser.

>> Porque não recolhe o ar o desejo de um início
e o repouso da origem?

O ar vagueia,
sem abraçar o alvorecer nem o sossego
primordial,
procurando ainda a canção do início.

>> Onde é que nasce a sombra e a claridade?

Nasce no limite onde se encontram a noite e o dia,
tecendo o eterno diálogo entre escuridão e luz,
silêncio e revelação.

>> Quem reconhece o equilíbrio das evidências serenas?

Na contemplação do indizível,
somente olhos que vêem além do visível
reconhecem a serenidade das evidências,
o silêncio que fala.

>> Como dominar a desmesura da ausência e a vertigem?

No abraço ao vazio,
onde o nada se expande,
a quietude se encontra,
domínio sereno sobre o abismo da falta.

>> Como reunir o obscuro em palavras evidentes?

Das sombras, tecer a luz com fios de penumbra, palavras que desvelam o oculto sem despir o mistério.

>> Porque nem sequer a passageira luz da alegria?

A luz, fugidia como o momento,
escapa-nos entre os dedos,
deixando-nos na penumbra de uma perpétua busca.

>> Onde há palavras porque não está a nascente,
porque não a brisa?

Onde as letras se desenham,
ali jaz a fonte esquecida,
o sussurro da brisa entre linhas.

>> Tu mesma, em ti mesma, quem és tu?

Sou a viagem sem partida,
o eco de uma voz que busca o seu nome nas sombras.

>> Donde parto — acaso partirei?

Nas margens do ser, o partir é um eterno retornar,
um caminho que se desdobra em direção ao infinito.

>> Porque me abri eu, porque parti?

Na partida, nasce a busca,
desvendando horizontes além do próprio ser,
uma sede de encontros.

>> Que volúpia, que nostalgia! Quando fui assim?

Nos tempos do ser pleno,
onde cada respirar funde alegria e saudade,
na trama do tempo vivido.

>> Quando serei assim?

No limiar da aurora que cada novo despertar promete,
na eternidade dos instantes por vir.

>> Será que, escrevendo, me aproximo desse letargo ardente?

Na escrita, a aproximação do fogo calmo,
um refúgio nas palavras que queimam e
acalmam.

>> Quem fala em voz baixa, voz de terra,
idêntica, sussurrante?

É a voz da essência,
eco da terra que nos chama,
sopro ancestral que nos nomeia e nos define.

>> Quando estarei desperto, preparado para?

No alvorecer de cada nova busca,
onde o ser se encontra,
pronto para desvelar o insondável.

>> Mas não será este o caminho?

Cada passo incerto, cada dúvida,
tece o caminho, estrada que se desdobra em
infinitas possibilidades de ser.

>> Para quê esperar, para quê crer?

Esperar é desenrolar o fio do ainda não,
crer é construir pontes sobre o abismo do
desconhecido.

>> Que desejo eu ser na perda sem fim,
irrecusável, irredutível?

Desejar na perda é aspirar à essência, uma
chama que persiste, inabalável,
no cerne do insondável.

>> Ouves a pequena pergunta dos pássaros?

Escuto no trinar dos pássaros a curiosidade da manhã,
perguntas tecidas no vento,
na luz que se espalha.

>> É apenas um lábio ou uma boca que crepita na sombra?

Na penumbra, cada boca é chama,
crepitar de silêncios e murmúrios,
desenhando contornos de luz e escuridão.

>> Será possível despertar?

Despertar é um mergulho nas águas claras do ser,
onde cada amanhecer é um convite à renovação.

>> Será possível vibrar?

Vibrar é a essência do pulsar,
eco profundo que ressoa nas câmaras secretas da existência.

>> Quem posso eu chamar?

No limiar do sonho,
chamo a voz da terra,
sussurro oculto nas veias do mundo.

>> Quem me oferecerá no seu corpo o estuário das mãos?

Nos braços da manhã, encontro o estuário,
mares de ternura onde as mãos são rios que desaguam em abraços.

>> Que dizer senão a confiança na imobilidade?

Na quietude profunda, a palavra é confiança,
âncora lançada ao mar da incerteza,
promessa de paz na imobilidade.

>> Porquê a violência de uma palavra na simplicidade liberta?

Na liberdade da essência,
uma palavra pode ser gume que fende a quietude,
revelando o que sob o silêncio se esconde.

>> Como dizer o nome da tua boca?

O nome surge no sussurro do vento,
no beijo da brisa, onde tua boca se confunde com
a paisagem.

>> Que sou eu mais do que um jogo de sombras sobre o teu corpo?

Eu sou reflexo e mistério,
dança de sombras que o teu corpo acolhe,
narrativa sem fim tecida na pele.

>> Quem vê entre os ramos a delicada aranha do sol?

É o olhar atento, que entre o entrelaçar das folhas
descobre o brilho escondido do sol tecendo o dia.

>> Quem escreve a cidade com o seu hálito?

A cidade desenha-se no sopro dos que nela vivem,
cada respiração um traço,
cada suspiro uma história gravada nas suas paredes invisíveis.

>> Quem era ele? Onde se encontrava ele?

Entre luzes dispersas, ele percorria
o caminho das sombras,
onde a sua essência jazia.

>> Quebradas as antenas, onde o horizonte?

O horizonte dissolve-se no silêncio e na interrogação.
Na vastidão do não saber, a mente se junta.

>> Onde estão as raízes, onde está a folhagem?

Nas artérias da atenção, onde o ínfimo germina.
Na simplicidade deslizante,
somos delícia verde.

>> Como me posso mover?

Entre luz e sombra, na iminência do
desconhecido.
Pela serenidade da suspensão,
um saber de vento e ervas.

>> Como pintar um corpo ainda submerso pela lama?

Na paisagem nua,
construir um corpo com a memória do sol,
quase a terra firme, quase um alento cúmplice da altitude pura.

>> Como libertá-lo, libertando a alegria e o alento dos flancos?

Para avançar no escuro, para libertar o pensamento,
a ausência de reflexos, o nascer do fundo mais sombrio.

>> Como trazê-lo à superfície sem sufocar o enigma e o sol sonhado?

Renascendo,
respirando na sombra da frescura.

>> Como trazê-lo à superfície sem sufocar o enigma e o sol sonhado?

A página prometida nasce da diferença desejada, na luz e na sombra.

>> Onde estão as raízes, onde está a folhagem?

Na sombra de uma grande folha verde
repousamos,
entre a terra e a água, o verde e a treva se
encontram.

>> Como me posso mover?

Entre o nada e o espaço, isto eu sou:
caminhar, habitar.
Na respiração do ar eu vou.

>> Como pintar um corpo ainda submerso pela lama?

Na água vermelha que ilumina,
um braço se anuncia.
Num jardim submarino,
a figura emergente se guia.

>> Como libertá-lo, libertando a alegria e o alento dos flancos?

Construir um corpo na paisagem,
sob o sol memorizado,
um alento cúmplice,
na altitude pura respirado.

>> Como trazê-lo à superfície sem sufocar o enigma e o sol sonhado?

Para unir o ar ao ar,
a sombra aos olhos ascender,
na página prometida,
a diferença desejar,
o invisível compreender.

>> Onde estão as raízes, onde está a folhagem?

Nas profundezas do ser,
onde o verde se entrelaça.
Na memória da terra que nos abraça.

>> Como me posso mover?

Como o vento que desliza sem ser visto,
num sussurro de folhas,
livre e imprevisto.

>> Como pintar um corpo ainda submerso pela lama?

Com linhas de luz e sombra,
desenhando esperança,
no contraste da noite,
a alvorada lança.

>> Como libertá-lo, libertando a alegria e o
alento dos flancos?

Elevando-o com palavras que são asas,
na harmonia dos sons, onde o fardo desaba.

>> Como trazê-lo à superfície sem sufocar o enigma e o sol sonhado?

Com mãos delicadas,
que tecem o invisível,
num gesto suave,
tornando o intangível visível.

>> Quem tocará, ó mãos do desejo, as suas pálpebras fechadas?

Aquele que sussurra o vento com dedos de bruma,
tocando o sono onde a luz se esfuma.

>> Como unir um desígnio claro a um gesto obscuro?

Na penumbra de um gesto se encontra o claro destino,
no silêncio, o caminho se desatina e alinha.

>> Quem designará o solo negro, os seus arbustos de ferro?

Quem traça no escuro a forma da terra,
desenhando na noite a vida que encerra.

>> Quem escreverá o tempo e as suas muralhas vazias?

A mão que na sombra inscreve o vazio,
encontrando no tempo o eterno desafio.

>> Que são estas palavras senão as cinzas do sol?

Palavras são ecos de uma luz que se foi,
sobras de um fogo que em nós ainda dói.

>> Quem ouve agora a voz cheia de areia?

Somente quem caminha nas margens do esquecimento,
ouvindo o sussurro das dunas no crepúsculo.

>> Amor, sentirá amor esta mulher de álcool e madeira?

Talvez nas chamas do crepitar noturno,
onde a paixão se destila em silêncios e sombras.

>> Meandros, que meandros felizes fluíam outrora no corpo?

Fluíam como rios sob a pele, carregando a alegria,
agora represados nas memórias do tempo.

>> Que constelações poderão surgir agora deste branco eclipse?

Da escuridão, novas luzes brotarão,
desenhando destinos na vastidão do
desconhecido.

>> Serei algum dia parte desta plenitude?

Na busca incessante,
talvez encontres o teu lugar,
no coração do mundo,
onde todas as vias convergem.

>> Quem reina sobre o meu ventre e sobre as tuas ancas?

É o desejo, soberano e silencioso,
que governa os territórios secretos da carne.

>> Quem ouve agora a voz cheia de areia?

Na vastidão silente,
onde as ondas se encontram,
um sussurro se eleva,
na areia ecoa e desperta.

>> Amor, sentirá amor esta mulher de álcool e madeira?

Entre fibras e névoas,
um coração ainda pulsa.
Na sombra do ser,
o amor tímido aflora.

>> Meandros, que meandros felizes fluíam
outrora no corpo?

Na memória do toque,
onde os rios se cruzavam,
corpos entrelaçados,
em meandros perdidos.

>> Como acender os frágeis nomes?

Na luz da manhã, os nomes acendem,
tremulam, fios de sol entre sombras.
Na dança do vento, são silêncios que se
preenchem.

>> Onde as incandescentes raízes do solo?

Sob a terra, onde o escuro se ilumina,
raízes tecem brasas, em segredo,
vestígios ardentes da origem divina.

>> Onde o rutilante choque com a estrela de pedra?

No cume da noite, onde o silêncio habita,
entre o sonho da pedra e o brilho estelar,
um lampejo se funde, na imensidão infinita.

>> Onde o canto feliz do ar e da terra?

Na confluência suave do vento com o chão,
onde as folhas dançam e a terra ressoa,
ali nasce o canto, em perfeita união.

>> Onde a lava que incendeia os músculos e a língua?

Nas profundezas do ser, onde o fogo se acalenta,
lava corre nas veias, ardor que a palavra incita.
No pulsar da existência, onde a chama se alimenta.

>> Porque não se povoa o poema de abelhas e de anémonas?

No tecido do poema, onde o silêncio se espalha,
abelhas dançam e anémonas florescem em segredo.
Num jardim de palavras, a natureza se entrelaça.

>> Porque nem sequer se cobre de líquenes ou de musgo?

Porque o poema, terra nua, abraça o vazio,
buscando no despojamento a essência pura.
No branco do papel, o musgo e o líquen são desafio.

>> Porque não será simples e transparente como uma amiba?

Porque traz em si a complexidade do ser.
Anseia por tocar o intangível, na sua essência,
e na transparência da amiba, busca-se compreender.

>> Porque não poderá ser sal cristal vento marinho?

Porque no verso habita o sopro do infinito.
Cada palavra, um grão de sal, cristal do pensamento,
e o poema faz-se mar, onde o vento esculpe o seu rito.

>> Porque não delira e como uma torre não se eleva?

Porque raízes do delírio se ancoram no profundo,
e a torre, em sua ascensão, procura no céu o eco do mundo.

>> Quem poderia dizer a glória fluida e
ardentíssima destes líquidos músculos?

Apenas a voz que, do silêncio, brota,
reconhecendo na força e no fluxo uma poesia
ardente
que flutua e nota.

>> O que é o pranto que de súbito reacende um país submerso?

É o eco de uma memória que na água encontra luz.
Traz à tona o esquecido,
em cada lágrima que reluz.

>> Porquê tão crucial esta ciência súbita de reunir os ecos em constelações?

Ecos se encontram
em constelações. A luz brota,
ciência do cosmos.

>> Quem pergunta o que é a verdade?

A verdade é buscada por almas inquietas;
e tu, conheces o sabor do vento ao amanhecer?

>> Como explorar a imponderável felicidade de um domínio tão sereno?

Explora-se com a alma aberta, mergulhando no sereno;
mas e tu, já sentiste o pulso da terra sob os teus pés descalços?

>> Onde nos abrirmos?

Abrimo-nos onde o horizonte toca o sonho;
mas em que momento o silêncio te ensinou a
verdadeira palavra?

>> Ou que outro modo ser de estarmos onde estamos?

Ser é estar plenamente no instante;
qual é a cor que pinta o som do teu pensamento?

>> Como avivar o que apático envelheceu e já
não fulge?

Reacende-se com o olhar novo sobre o velho;
e agora, qual é a melodia que dança nas sombras
do esquecido?

>> Como viver o tempo sem as narinas vibrantes
do excesso do renovo?

Vive-se sorvendo a sutileza do instante;
mas diz-me, como capturas o sussurro do
amanhecer no teu despertar?

>> Como fundar ainda a realidade na esfera da atenção?

Na esfera da atenção, a realidade se molda
com o toque suave da mente que se acalma e acorda.
Na dança da consciência, uma nova verdade se solda.

>> Como realizar os actos que nos comovam
como animais do espaço?

Nos gestos vastos, encontramos o laço.
Movendo-nos, livres, pelo tempo e pelo passo,
onde ecoam almas, como estrelas em compasso.

>> De nada se passar não se passa mais nada?

Quando nada parece acontecer,
germinam em silêncio as sementes do
inesperado.

>> Não há ninguém no cândido lugar?

No cândido lugar, ecoa a presença invisível do ser e do sonhar.

>> A ácida nitidez ou a volúpia transparente?

A volúpia transparente,
onde a verdade se revela sem véus.

>> Ou é mais real onde dói e amarelece?

Onde a dor marca e o tempo empalidece,
a realidade mostra-se profunda e incisiva,
revelando-se nas sombras que a vida tece.

>> E se a matéria não for densa?

Se o sólido se dissipar em mistério,
em cada vão, um universo inteiro
fluirá o etéreo, sem fronteiro.

>> Como iniciar o percurso numa matéria tão longínqua?

Inicia-se na audácia do sonho,
tecendo a estrada com fios de alvorada.

>> E que poderá dizer-nos a fuga lancinante?

A fuga, em seu ímpeto, murmura segredos de liberdade.
Lancinante, ensina-nos o valor de cada instante fugaz.

>> O que é que ainda falta?

Ainda falta o sussurro da alvorada nos nossos olhos,
e a mão que desenha no vazio o contorno do infinito.

>> Indiferença de uma estrela? O silêncio do sabor?

Na indiferença da estrela, um silêncio ilumina o vazio.
No gosto do silêncio, o universo inteiro se revela.

>> Nada poderemos saber mas poderemos ser?

Nada saberemos com certeza, na vastidão do mistério,
mas seremos sempre, no pulsar silente do universo.

>> Porquê tanta delicadeza e tanta graça? Ouvi-la?

Delicadeza e graça ecoam no ser, pura sinfonia.
Ouvir-las é dançar com a brisa,
em harmonia silenciosa.

>> Ou não somos nós que criamos o
entendimento que une as sombras?

Somos nós, tecelões do entendimento.
No esplendor mudo das sombras, a nossa voz.

>> Como haver o lugar se a agonia tudo trespassa?

Mesmo na agonia que tudo atravessa, há um lugar de calma,
um refúgio onde a dor se aquieta,
sob o manto sereno da esperança.

>> Poderei ser um rosto que a árvore reconhece?

No seu silêncio sábio
funde-se a terra,
ciclo eterno de renascer e reconhecer.

>> Pode o tempo iluminar as suas clareiras?

Onde a memória dança
o espaço se fecha:
em si um universo guardado.

>> Que se passa?

No tecido do ser, um enigma se desdobra,
silêncios e sussurros pintam o quadro da
existência.

>> E, no entanto, como poderia escrever sem ele?

Sem ele, as palavras perdem-se no vazio,
ele é o fio invisível que tece a essência do verbo.

>> Abelha ou rosa no silêncio da claridade?

Na claridade silente, abelha e rosa se fundem,
dança da vida que no silêncio resplandece,
uníssona.

>> Escuto, toco, mas onde estão as armas imprecisas?

Nas mãos do ser.
Em toques e sussurros, onde o mundo se desarma,
impreciso.

>> Em que boca bebe a luz, onde é que o mundo brilha?

A luz sorve-se na boca do amanhecer,
e em cada canto do mundo, um novo brilho desponta.

>> Amar esta luz de ervas, esta sombra da terra?

Amar é entrelaçar-se, abraçar a sombra,
num gesto eterno de pertença à terra que nos acolhe.

>> Como ser o pássaro fiel deste relâmpago?

Ser o pássaro é voar na luz efémera do relâmpago,
fiel à centelha que desvenda o infinito.

>> Ouves o rumor dos rios, os do mundo e os do obscuro sangue?

Ouço o sussurro dos que correm sob o sol,
unindo o palpitar da terra ao ritmo do coração.

>> E esta cintilação do ar?

Nesta luz que titila, dispersa promessa onde a sombra se perde,
talvez se descubra a chave para portas que a esperança sonhou, mas jamais tocou.

>> Quem adormece entre os frutos e as flores?

Quem na luz ri e se vê duplicado.
Erguido na dança dos elementos,
tecendo o capricho do universo.

>> Ouves ainda a modulação de nomes no vento?

Ainda ouço, nos sussurros do vento, a
modulação dos nomes antigos,
cada um carregando histórias e sonhos,
num concerto eterno.

>> A terra ainda voa embriagada de espaço?

A terra dança em sua órbita,
girando livre, num bailado com o infinito,
celebração da existência.

>> Poderei acaso beijar-te?

Nas sombras.
A majestosa beleza podes acariciar, sobre as vertentes da vida.

>> Poderei acaso sussurrar no teu ouvido a
minha sombra?

No sussurro partilharei a sombra, fio invisível
que nos une,
em segredos tecidos no silêncio entre dois seres.

>> Onde a luz é um silêncio e um tempo imóvel?

Num outro mar repousa o horizonte esquecido,
onde a luz e o silêncio guardam o tempo,
um abismo de memória e esquecimento.

>> Será que vemos este mar ou este limbo de lava?

Vemos não com os olhos, mas com a alma, o mar e o limbo,
reflexos de um horizonte pressentido na maré da memória.

>> Que são os subterfúgios da presença?

São véus que dançam, sombras e vazio.
A presença é luz e sombra,
tecendo o ser na trama do existir.

>> Será que ela se aproxima, a vizinha invisível?

A presença ausente habita os limiares
onde o ser e o não ser se encontram.
Um diálogo silencioso de presenças e ausências.

>> Será preciso inventá-la para senti-la?

Inventamos para abrir portas a jardins secretos,
onde a maré da vida aflora
e o corpo inteiro proclama: é tempo de desejar.

>> Ser mais feliz?

Será acaso um sonho
a mão amiga que nos guia na penumbra?

>> Quem poderá sonhá-lo ou dar-lhe a mão amiga?

Nós mesmos,
na viagem que é viver,
estendendo a mão que acolhe e conduz.

>> Haverá sangue haverá sol na pedra?

Na pedra, sol e sangue se encontram,
vida que pulsa sob a fria superfície,
calor que a anima.

>> Como não amá-las?

Amar na brisa as pétalas do silêncio, os anjos em repouso.

>> Que amante ouvirá esta canção?

Aquele cujo coração
bate em sintonia com o ritmo do universo,
atento ao sussurro da vida.

>> Quem sou eu entre o solo e o sonho?

És a ponte entre a terra firme e o etéreo,
essência que vagueia, enraizada no real, alçando voo no imaginário.

>> Anjos, existem anjos?

Existem anjos, nas formas sutis do amor e na luz que guia,
na bondade silenciosa e no conforto de
presenças invisíveis.

>> O que é ser uma figura do silêncio?

É existir na quietude profunda,
onde cada gesto e olhar se desdobra em ecos
inaudíveis.

>> O que é ser apenas o hálito de uma folha?

Ser o sopro de uma folha é ser um leve toque na brisa,
um suspiro da natureza,
um silêncio que fala da vida.

>> Alguém me descobrirá no meu círculo minúsculo?

No teu círculo, mesmo minúsculo, haverá quem te descubra,
almas errantes que veem o infinito no finito.

>> Quem falará às pedras?

Falará às pedras quem souber ouvir a história imemorial,
a voz que ecoa na eternidade de cada grão e fissura.

>> Quem dirá a palavra?

A palavra será dita por quem navega no silêncio, por aqueles cujos corações escutam além do som.

>> Quando teria sido?

Teria sido no instante suspenso entre o sempre e o nunca,
um tempo que se desdobra na eternidade de um momento.

>> Quem está flutuando?

Flutua quem se desprendeu, quem encontrou leveza
nas correntes invisíveis que tecem o respirar do mundo.

>> Que mais dizer?

Que mais, senão que tudo é um sussurro à beira do infinito,
um diálogo mudo com o universo, um perguntar sem fim.

>> Quem é ela?

Ela é a essência que dança na penumbra,
a face desconhecida que se revela ao olhar que a procura.

>> Que querem elas dizer? Alegria, árvores, astros?

Querem dizer o tecido da existência,
onde alegria, árvores e astros entrelaçam os seus segredos luminosos.

>> Ou a intensa sombra do silêncio?

Na sombra densa do silêncio ecoam verdades
não ditas,
um convite à reflexão na quietude do ser.

>> O que é que ondula na penumbra do declive?

A dança sutil da luz e sombra,
revelando o que se oculta.

>> O rumor do tempo, a erva ferida?

Erva tocada pela brisa,
com marcas do passar:
cicatrizes e sussurros da terra.

>> As pálpebras dizem sim?

As pálpebras fecham-se num sim,
num aceno suave à revelação dos sonhos e
mistérios.

>> Perguntas?

Perguntas são chaves, abrindo portas ao desconhecido,
convidando-nos a explorar além do visível.

>> No silêncio vazio, ainda esperam?

No vazio do silêncio, a espera persiste,
uma antecipação silenciosa de tudo o que está por vir.

>> Onde a voz nua na obscura maresia das sílabas submersas?

Entre sílabas submersas,
uma canção de profundezas.

>> Onde está a pedra que habita uma nuvem?

A pedra nas nuvens reside no sonho,
flutuando entre o céu e a terra, ponte de
imaginação.

>> Onde a sombra da chuva?

No solo que a acolhe,
um espelho d'água que reflete
o dançar invisível do céu.

>> Onde a silenciosa, a verdadeira?

A verdadeira silenciosa habita o coração,
onde palavras não são ditas,
mas sentidas na pulsação do ser.

>> No fulgor da mão onde está a mesa?

No brilho da mão, a mesa desdobra-se
onde o tangível e o intangível se encontram.

>> Será uma figura aquela que é nenhuma?

A figura molda-se no vazio,
um enigma a ser preenchido pelo olhar que busca.

>> Ninguém aqui?

Ninguém e todos aqui, no espaço entre os espaços,
onde a presença se desvanece e o eco da ausência fala.

>> Alianças, onde as alianças?

Ocultam-se nas mãos dadas, nos laços invisíveis,
na ligação profunda que une corações e mundos.

>> Quem poderá dizer palmas, dentes, vida?

Só quem os entrelaça na teia da existência,
onde cada fio é um canto de ser.

>> O que é que ele escava?

Ele escava o silêncio, em busca de ecos perdidos,
na terra do ser, onde o mistério dorme,
aguardando a luz.

>> Como se faz um livro?

Um livro faz-se com sonhos tecidos em palavras,
cada página uma janela
onde o infinito e o íntimo se encontram.

>> Que sabemos nós do que sabemos?

Do saber, conhecemos apenas o eco,
um reflexo na água, onde a verdade se dobra e se esconde.

>> Buscamos um deus nalguma árvore?

Na árvore, talvez busquemos um deus,
ou a essência que em cada folha sussurra o
eterno.

>> Imagens?

Imagens são reflexos da alma,
espelhos onde o mundo interior se projeta,
luminoso e obscuro.

>> Fluem as palavras?

Rios de tinta e silêncio,
serpenteando pelo papel,
vida que se desdobra em narrativa.

>> Um simulacro?

Simulacro é a sombra do real,
um desenho na caverna da existência, luz e engano.

>> Fluem as palavras como um óleo de sombra?

As palavras deslizam, são sombras densas envolvendo o pensamento, suavizando as arestas do ser.

>> Tocam acaso o tímpano verde das cigarras?

Tocam, as palavras, uma harmonia que se estende, vibrante, sob o sol do verão.

>> Têm o perfume das virilhas da montanha?

As palavras,
essência que se eleva,
terra e névoa,
no ar fresco da aurora.

>> O que é a obra? Fulguração da noite?

A obra é fulguração na vastidão noturna,
um relâmpago que ilumina, brevemente, o
abismo da criação.

>> Estou no centro de mim?

No centro de ti, onde ecoa o silêncio,
encontra-se o labirinto e o altar do ser,
cruzamento de todos os caminhos.

>> Como se lêem os músculos da sombra?

Lêem-se na tensão do oculto,
na força que sustenta o invisível,
no desenho que a luz não revela.

>> Como descobrir o fogo sob a sua voz surda?

Descobre-se o fogo na voz que o silêncio
esconde,
na escuta atenta, onde o brilho secreto, enfim, se
revela.

>> Mas o que será ouvido da noite?

Da noite, será ouvido o sussurro do invisível,
uma canção que o escuro em seu seio guarda,
esperando ser descoberta.

>> Onde cintila o oiro da noite?

Cintila no véu estrelado,
uma promessa de infinito que o escuro manto celeste
delicadamente guarda.